FOTO: IVANA CUBAS

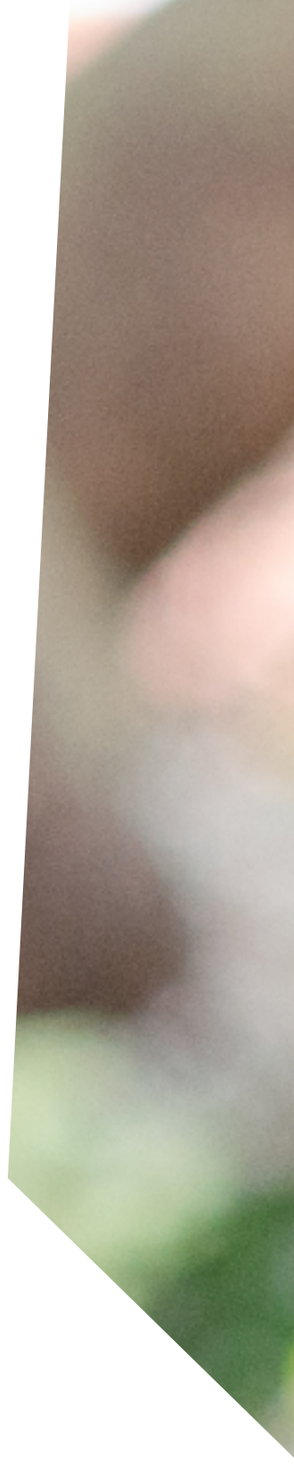
Jornal da
Escola Associativa
Waldorf Veredas
**n.1 | 2020**

# A Terceira Margem

editorial

# *O tema do ano*

## Comissão de Comunicação



*Quem não se superou em 2020, ultrapassando diversos obstáculos outrora incalculados? Para uma escola Waldorf, cuja pedagogia se serve, dentre tantas especificidades, do brincar, do movimento, da interação e do contato para promover uma educação integral, o isolamento social decorrente da pandemia da Covid-19 foi, no mínimo, desolador. As crianças, que estariam no parque, nos caminhos e nas atividades, ficariam em casa. Os jovens não se encontrariam para ensaiar seus teatros, o olho no olho entre professores e alunos passaria a se dar por intermédio das telas, as quais tanto evitamos até então.*

*Olhando para o movimento de entrega e aprendizado que as diversas esferas promoveram ao longos dos últimos meses em nossa escola, a Comissão de Comunicação entendeu que SUPERAÇÃO é um dos temas mais significativos que atravessaram nossas vidas durante esse ano que está chegando ao fim.*

*Assim, você poderá ver nessas páginas relatos de sonhos desfeitos e refeitos em uma nova realidade, com novas ferramentas antes pouco usadas ou conhecidas. Uma análise biográfica dos dezoito anos de estrada que culmina neste momento delicado para a humanidade em "18 anos, e agora?", o olhar espiritual sobre uma era regida pelo Arcanjo Micael e seus significados em "O ano de 2020 e Micael", relatos de professores de todos os anos, eventos transformados, o olhar dos jovens alunos do ensino médio em*

FOTO: IVANA CUBAS

*composições textuais, e o movimento de uma comunidade que se inspirou na fraternidade para dar seus passos durante essa crise e para olhar para o futuro que nos espera.*

*Sigamos em frente, aprendendo o que a vida quer nos ensinar.*

## *Boa leitura!*

nossa história

# 18 anos, e agora?

Elis Mello, professora de trabalhos manuais

*Na biografia humana, existem leis de desenvolvimento para as fases da vida. Aos 18 anos, segundo a visão da antropologia antroposófica, o jovem está apto a reconhecer as verdades do mundo, através de conceitos e ideias, e começa a desenvolver a capacidade de julgá-lo a partir de si próprio. Esse é o momento em que busca encontrar coerência e autenticidade nos adultos com quem convive e os que forem capazes de admitir suas fragilidades e equívocos encontrarão maiores chances de serem acolhidos pelo jovem do que os adultos que se mostrarem superficiais e pouco consistentes em suas afirmações e atitudes.*

FOTO: MONASTERY OF CHRIST IN THE DESERT
HTTPS://CHRISTDESERT.ORG

O princípio educativo nesse terceiro setênio não é mais a imitação ou a autoridade (do primeiro e segundo setênios) e sim a verdade sobre o mundo em que se vive. No caminho para conquistar sua liberdade, precisa encontrar seu próprio espaço físico e também o anímico deve ser respeitado (registros escritos, livros, modo de vestir-se etc.). O espaço espiritual se manifesta através do aspecto profissional: quais são as minhas habilidades? Qual a minha vocação? Qual será o meu destino? Essa é também a fase de oposição ao mundo e do desejo de transformá-lo através de seu potencial em um movimento que acontece a partir de seu mundo interno.

*Aos 18 anos, o espaço espiritual se manifesta através do aspecto profissional: quais são as minhas habilidades? Qual a minha vocação? Qual será o meu destino?*

Mas o que teria a escola Veredas em comum com o jovem de dezoito anos?

Por serem criadas por "nós" seres humanos, também as iniciativas sociais estão sob a influência das mesmas leis que regem o desenvolvimento humano.

Nossa jovem escola, no primeiro setênio construiu seu espaço físico; no segundo, seu tecido social, a comunidade e toda a sua complexidade de relações; e, agora, no terceiro setênio, buscando atuar em coerência e autenticidade com seus princípios, ainda construindo consciência sobre seu potencial, suas habilidades e seu próprio destino no mundo, depara-se com o grande desafio de reinventar-se.

A jovem iniciativa é capturada por um evento externo e de proporções mundiais: a pandemia de Covid-19.

"No mito de Perséfone, essa deusa, filha de Zeus, o deus dos deuses na mitologia grega, e Deméter, deusa da agricultura e das estações, foi capturada por Hades, o senhor do submundo, e levada para viver em seu palácio no mundo dos mortos. Deméter cai em profunda tristeza, por não encon-

trar o paradeiro de sua filha, as plantas morrem e não há colheita. O deus Hélios, conhecido como deus Sol, conta a ela sobre o paradeiro de sua filha e Deméter vai até Zeus e pede que ele obrigue Hades a devolvê-la. Zeus envia Hermes, o deus mensageiro, ao reino de Hades para convencê-lo, mas ela já havia comido uma pequena semente de romã. Quando finalmente Hades permite que Perséfone retorne e reencontre sua mãe, Deméter percebe que ela está diferente: como havia provado de um alimento do submundo, uma parte dela pertenceria para sempre ao reino de Hades. Assim, Perséfone torna-se sua esposa e Zeus determina que viva metade do ano na terra e a outra metade no reino de seu esposo.

A vinda de Perséfone para a terra traz consigo a primavera, quando as flores desabrocham como a felicidade de Deméter, e, do mesmo modo, quando se passam seis meses e ela retorna ao convívio de seu marido, as folhas começam a secar, devido à tristeza de sua mãe, marcando a estação do inverno."

Em analogia ao mito, a captura de nossa iniciativa por esse evento nos colocou diante de uma atmosfera de profunda tristeza e estagnação, seja pelo número de vítimas acometidas pela doença ou pelo sentimento de impotência a que fomos submetidos diante da paralisação das aulas presenciais. Em um primeiro momento, certos de que seria um evento passageiro, surgiram ações individuais, na tentativa de manter o vínculo com nossos alunos e famílias e isso nos enfraqueceu um tanto como grupo. Posteriormente, com a constatação de que o período de isolamento se estenderia por tempo indeterminado, mesmo conscientes de que a superexposição aos meios eletrônicos poderia trazer prejuízos à saúde dos alunos, pesando os prós e contras,

*A vinda de Perséfone para a terra traz consigo a primavera, quando as flores desabrocham como a felicidade de Deméter.*

reestruturamos todo o nosso planejamento para que as aulas ocorressem no formato de ensino a distância.

A flexibilização e envolvimento de todo o colegiado de professores para a reorganização de horários, metodologias e revisão dos conteúdos, nos trouxe consciência de nosso potencial criativo e capacidade de articulação. Conseguimos nos reaproximar dos alunos e das famílias e as atividades escolares ganharam um fluxo relativamente saudável, dentro do que foi possível realizar. O mesmo movimento ocorreu no âmbito do associativismo, com o movimento das Rodas Fraternas, que promoveu uma rápida articulação para apoiar famílias que entraram em risco financeiro e, sem essa iniciativa, certamente teriam que deixar a escola. Reorganizamos o calendário escolar, cumprimos adequações para o ensino remoto e ao final do ano nos deparamos com um novo desafio: trabalhar no formato de ensino híbrido (presencial e *on-line*). Novas adequações pedagógicas, exigências legais, restrições no número de alunos e protocolos sanitários. Pensamos em recuar diante das inúmeras exigências e particularidades, mas nosso espírito de resiliência nos levou ao próximo passo e conseguimos nos adequar, ainda que com um percentual reduzido de alunos. O encontro com as crianças nos trouxe a lembrança de nossos propósitos e tal como ocorre como uma jovem, nessa fase da vida, tivemos um vislumbre de quem realmente somos, qual o nosso potencial, nossas habilidades e nosso propósito e destino no mundo. A jovem escola Veredas encerra este ano em que completa 18 anos ainda sob o peso dessa atmosfera de incertezas em relação ao futuro. E como a jovem Perséfone, perdeu um tanto de seu frescor de alma e sua inocência em relação à visão de mundo, porém, guarda em sua essência todo o potencial criativo para voltar a florir na próxima primavera.

Paz e bem para a escola Veredas!

Bibliografia:

|Burkhar, Gudrun, Tomar a Vida nas próprias mãos 2.ed., 2004. Antroposófica. SP

|www.feedobem.com O Mito de Perséfone

FOTO: MARINA MARTENSEN - SAGRADO OLHAR

jardins

# *Resiliência Veredas*

Sandra Cunha, professora do jardim

*Quando em março a escola parou*
*E as crianças não estavam mais nas salas nem nos parques.*
*O silêncio chegou.*
*Não o silêncio tranquilo, da paz, mas o silêncio do medo,*
*da insegurança.*

*Certos do grande desafio que se apresentava,*
*Em nossos ouvidos uma voz sussurrava:*
*“Temos que erradicar da alma todo o medo e terror de que*
*o futuro possa trazer ao homem”*
*Sim, este verso pairava em nossos sentimentos e pensamentos.*

*Era preciso agir nesta comunidade que cultiva espíritos e almas fortes,*
*Seres da coragem e destemidos de lutas contra monstros e dragões,*
*de dentro e de fora.*
*E agimos, respeitando o dragão que nunca nos ignora.*

*Confiantes de que o*
*“amanhã cedo virá, quando o hoje não mais existir”,*
*Nos juntamos e colocamos, ao invés do medo, a esperança no seu lugar.*
*A fraternidade moveu-se do coração para as mãos e ficamos unidos.*
*Sobrevivemos.*

*Superação, literalmente uma* ***super ação****, foi que nos salvou.*
*De coração, fomos ao encontro uns dos outros.*
*Compreensão.*

*Com consciência, trabalhamos por crianças resilientes*
*Mas como comunidade, vimos que também somos*
*Resiliência.*

jardins

# As Veredas

## Vanda Elisa, professora do jardim

***"A estrada é difícil, mas na vida não é diferente"***

*Um dia quando eu buscava estrada para meus pés, meus olhos pestanejaram nessa frase. Era já o tempo dos contemporâneos meios virtuais e, entre imagens ricas e bordadas em tons de verdes e com uma arquitetura que me pareceu tão familiar, essa frase estava no site, encerrando a apresentação do lugar que iria ser meu porto seguro por mais de uma década: a querida escola Veredas.*

*Quando eu era criança tinha uma ideia que considerava brilhante: engarrafar o ar de momentos especiais da nossa vida. Já pensou se cada um carregasse um vidrinho no pescoço com o ar do momento do primeiro olhar da mãe ou a primeira vez que a gente vê nossos filhos ou depois - sendo o tempo generoso - a primeira vez que uma pessoa nos olha e chama de Vó? Manhãs de Natal, sextas-feiras santas, aniversários, alunos brincando na sala e o extraordinário segundo em que os sons são harmônicos - como o vento na montanha ou ondas bailando na praia - do hálito saudoso do retorno às aulas... pronto, engarrafava... cabia até uma brisa de amor romântico.*

*Também caberia no meu vidrinho muitos instantes na escola Veredas: a chegada cotidiana das crianças com suas famílias, a última frase da estória e os olhares admirados das crianças ouvindo o mesmo novo enredo. Os ares aprazíveis e milagrosos das festas... as grandes, com toda a comunidade, e as pequenas, na intimidade da sala.*

*E as quintas-feiras de reunião pedagógica?*
*Colegas juntos e, neste ano, separados fisicamente, unidos pelo amor à tarefa de educar. Faço de pilhéria uma singela verdade, dizendo "quinta-feira à tarde é*

*meu culto, minha religião, hora de celebrar o árduo labor diário. Encontrar colegas de pátria do coração, sentir o corpo inteiro, completo em seus fluxos e ritmos. Às vezes tempestades retumbantes e em outras o sereno frescor...*

*Nesses anos algumas vezes estive na coordenação ou direção, esse lugar de se pôr a serviço, servir e completar ainda mais o todo, aproximar-se da comunidade de pais por outra porta e receber corrente e bafejo.*

*Das colegas do jardim, se enxergar e espelhar, o olor da convivência... tudo no meu vidrinho.*

*Não levarei comigo nem espero deixar saudade, pois esse substantivo feminino, que no dicionário aparece como "sentimento nostálgico causado pela ausência de algo, de alguém, de um lugar; ou pela vontade de reviver experiências, situações ou momentos já passados" não cabe no meu vidrinho e pesaria em meu pescoço.*

*Carregarei dentro de mim em um espaço fora do tempo a essência de cada momento.*

***A professora Vanda Elisa trabalhou na Veredas nos últimos 12 anos como professora de educação infantil. Tomou a decisão de se desligar da escola e se dedicar à formação de professores e ao apoio de escolas e jardins waldorfs pelo Brasil.***

primeiro ano

# *Um dia de cada vez*

Daniella Cabral, professora de classe

Cada novo ano é um recomeço, novas metas, novas conquistas, novos horizontes. Ainda mais quando se muda de cidade, de trabalho, de escola. A expectativa pelo novo traz alegria, mas também muitas perguntas e aquele friozinho na barriga.

- Será que vamos nos adaptar? Será que nossas filhas se sentirão acolhidas? Como será a nova turma do 1º ano que receberei? Como se darão as relações com esta nova constelação que se forma no organismo já latente da escola?

São muitas as interrogações lançadas ao futuro, procurando respostas que tragam garantias e controle. Essa é a mente: agitada, dependente da aceitação do outro, que cria o que ainda não aconteceu.

O coração, ao contrário, não quer o controle, só o momento presente. Ele segue calmo e sereno, decidido que a mudança trará ventos frescos e renovadores.

Respira. Respira fundo. Acalma os sentidos. Abre a porta. Recebe o novo.

É com essa certeza, de que tudo tem uma direção espiritual e plena de sentido, que começo o novo ano. A alegria de preparar a nova sala, de receber as crianças, de encontrar novos sorrisos, novas formas de ver o mundo.

O convívio com crianças é um exercício constante de presença. Olhar para cada uma com abertura e decifrar o que esse Ser precisa, que misté-

rios ele quer nos contar, unindo o que é de cada um ao destino do grupo.

Os planos estavam sendo traçados, os passeios marcados, os acordos estabelecidos, os laços sendo criados. Mas, cada dia de fato é um novo dia, guarda um mistério que é só dele, muitas vezes incompreensível, nem sempre caloroso. A luz se escondeu e uma grande noite chegou, exigindo mudanças e novas posturas.

A fé na voz do coração foi abalada, mente e intuição se misturaram, o controle foi perdido em todos os seus níveis. Tristeza, choro pelo que não seria vivido, dor pela falta do encontro, coração palpitando, noites em claro.

Respira. Respira fundo. Acalma os sentidos. Abre a porta. Recebe o novo.

Nada será como antes, não há nada a ser copiado, só para ser CRIADO!

Ah, a criação! O poder de cocriar com a potência de nosso Ser, apoiado na confiança dos que caminham ao nosso lado. Não há certezas, só há o que

FOTO: IVANA CUBAS

podemos construir. Mais do que nunca, fazer o que é pleno de sentido, buscar o que é essencial, sem tempo para desistir, sem tempo para lamentar, agradecendo o chamado do agora e recebendo o que cada novo dia traz, renascendo a cada desafio.

Viver a dualidade de forma tão latente não é tarefa fácil. Queremos previsões, certezas, planos. Mas todo pólo tem seu oposto, tem a luz, a beleza do incerto, a força da presença, do aqui e agora. A luta segue.

Entre um lado e outro estamos nós, tecendo esse novo da forma mais viva e plena que podemos conseguir. Errando. Acertando. Perdoando. Criando.

O coração segue firme, confiante nas forças espirituais; quer ser guerreiro, soldado de Micael.

Respira. Respira fundo. Acalma os sentidos. Abre a porta. Recebe o novo.

*cria!*

FOTOS DAS PÁGINAS 14 E 15: IVANA CUBAS

segundo ano

# *Rumo ao essencial*

## Júlia Scavassa, professora de classe

FOTO: RAQUEL CORDEIRO

***Que segredo será que essa turma ocultava...?***

A turma que entrou no primeiro ano exatamente quando ao redor do mundo se comemorava o centenário da Pedagogia Waldorf!!! Esse pensamento me intrigava! Uma turma à qual eu me sentia ligada de alguma forma diferente do que sentia em relação a outras turmas muito amadas... Imaginava que essa sensação vinha apenas do fato de eu ter substituído a professora Elisa nas aulas

de kântele do último ano do Jardim desses queridos alunos e alunas.

Mas o futuro nos traz surpresas! Nos últimos momentos do ano letivo de 2019, tornei-me professora de classe desta turma, junto da leal parceira Taís. Fevereiro e a metade de março de 2020 foram tão intensos, tão vivos, que quando tudo subitamente foi interrompido e eu dizia que tínhamos trabalhado presencialmente por apenas um mês e meio tinha a impressão de não estar falando a verdade!

Caverna sem eco, eco sem som, som sem tom... o que era aquilo? Nem eu mesma sabia quantos sonhos tinha sonhado em silêncio e segredo para meus queridos alunos. Cada canção que eu não podia cantar olhando seus olhos e ouvindo suas vozes trazia uma nova tristeza. Cabos, conexões, aplicativos, telas, luzes estranhas, sons entrecortados, falhados... que novo mundo era esse? Sem cores na lousa ou vozes ressoando unidas na roda do poema da manhã, sem cantinho com florezinhas, pedrinhas e folhinhas trazidas pelas crianças... Rostos de pais e mães nos pequenos quadradinhos... E as mãos dadas, as rodas, os jogos? Dona Sancha não encontrava mais ninguém para pegar no nosso parque!

Como chegar até as crianças, agora? Como alcançar seus corações, já que de suas mãos, seus olhos, seus corpinhos alegres e cheios de movimento e vida, eu já não podia me aproximar? Mas essa turma me fazia pressentir algo desde o princípio... Renovações, mudanças, buscar a essência, abrir mão de tudo o que fosse acessório... Sim, eu sabia que estávamos sendo forçados a abrir mão de muito, muito mais do que o acessório. Porém, de nada adiantaria rebelar-me contra a situação que se impôs. Eu pensava: "O *Goetheanum* foi erguido em meio a uma guerra mundial tenebrosa... Quantas razões as pessoas que o ergueram tinham para se lamentar e fraquejar? Mas, ao invés disso, trabalharam. Mire-se neste exemplo, Júlia, e siga em frente."

Como encontrar o essencial, então? Segundo setênio... ensinar através

do sentir. Como tanger as delicadas cordas dos sentimentos das crianças dessa nova forma, para mim tão esquisita? Ler o mundo e traduzi-lo em belas imagens que falem ao coração da criança. As imagens: estas, sim, podiam tomar as vozes de seus pais e suas mães emprestadas - e quem sabe seus sentimentos também... -, podiam viajar até as almas das crianças do segundo ano! Assim chegaram as histórias nas cartinhas escritas diariamente e enviadas para as famílias da nossa turma!

Foi assim que passamos uma boa e deliciosa parte de nossa "quarentena" no Sítio das Rosas, em meio a abacates e caquis, depois laranjas, mexericas e morangos, cuja colheita era contada para a prática da multiplicação.

Quadras e charadas do Vô Tonico sobre as plantas de sua horta na época sobre a natureza... E que lindos canteiros e hortinhas foram fotografadas nos quintais das casas das crianças! Que lindos livrinhos das plantas!

Festa e fogueira de São João, mostrando as estações e o passar dos meses com suas festas. Passeios de carroça com o burrinho Risonho carregado de arroz para ensinar os erres... Receitas e histórias da Vó Lurdinha...

Acampamento na mata próxima ao Sítio das Rosas e a visão do sol nascente... E teve criança que até subiu no telhado para ver o sol se pôr lá do alto! A descoberta dos seres da água, do vento e da terra e o germinar das sementes! Caminhadas noturnas e as estrelas...

Pulos de cachorro, coelhos e macaca ensinando as tabuadas... E não é que alguns cachorrinhos de estimação precisaram tentar pular toquinhos de dois em dois? E lá vinham as músicas geniais da professora Helena para as crianças decorarem os múltiplos!

Relógios antigos - as velas dos monges iluminando as lições das crianças! Relógios de água, de areia e de sol, depois ponteiros de papelão... Lá vinham os versos com os belos movimentos da professora Elisa!

FOTO: RAQUEL CORDEIRO

Lá vinha a *teacher* Lívia com sua *Pancake*, a música de São Francisco, o jogo dos legumes e das frutas! E a *lehrerin* Gabriela com seu cuco, os animais da fazenda e depois o livro do chuvisco, da chuva, do trovão, do granizo e do arco-íris! A professora Elis com os cordõezinhos para nossos calendários e o cordão para a túnica de São Francisco! As histórias de santos tão especiais da professora Alynne! Todas as professoras da classe entrelaçando suas matérias e até – ufa! – conseguimos ter um cheirinho de jardinagem e plantar nossos girassóis com o professor André!

Quanto trabalho, criançada! Os pais e as mães da nossa turminha foram bravos guerreiros, carinhosos parceiros! Tanta gratidão às crianças queridas e suas famílias! Gratidão imensa à minha família também, que assumiu várias tarefas para eu poder trabalhar muito, muito mais que o esperado. Aprendizados infinitos e, sim... essenciais!

Aliás, falando em aprendizados essenciais, ouvi dizer que várias crianças têm arrumado suas camas todas as manhãs, têm varrido, lavado a louça e ajudado nas tarefas domésticas: glória!!!

Muito obrigada, escola querida e todos os seus funcionários, comunidade, famílias queridas, crianças queridas!!! Atravessamos juntos esse ano desértico! Vamos sonhar com cachoeiras!

terceiro ano

# *A cerimônia do mastro de São João*

Raquel Cordeiro, mãe
Mila Gomes, professora de classe

DESENHO: DANIELLA CABRAL

Como é tradição em nossa escola, as crianças do terceiro ano, que vivenciam o plantio do trigo e o cuidado com a terra, abrem nossa Festa de São João com a singela Cerimônia do Mastro.

Todo ano um novo mastro é preparado. Os alunos, junto com o professor André Toffoli, vão até a lagoa do Senhor Antônio, onde ele prepara um bambu Brasil bem bonito. Após três vivas a São João, as crianças retornam à escola carregando este bambu, que é pendurado na cerca da horta e enfeitado com fitas para o dia da nossa festa. Neste dia, o mastro é erguido com a imagem de São João menino e são feitas oferendas aos frutos da terra.

Este ano, a turminha da professora Mila não teve oportunidade de vivenciar a tradicional cerimônia, mas nem por isso deixou de cantar e louvar São João! Com ajuda da professora Helena, as crianças ensaiaram a música que é cantada enquanto o mastro é levado durante a cerimônia. Um lindo vídeo foi feito com ajuda de alguns pais e este foi apresentado durante o Arraiá Virtual da sala. Neste dia o professor André fez o ofertório de São João e, ao final, todos acenderam velas em suas casas, simbolizando nossa fogueira. Essa chama, acesa na casa de cada criança, pode aquecer e iluminar os corações e as casas dessas famílias, com o desejo de muita luz para nossa comunidade, nossa escola, nosso mundo.

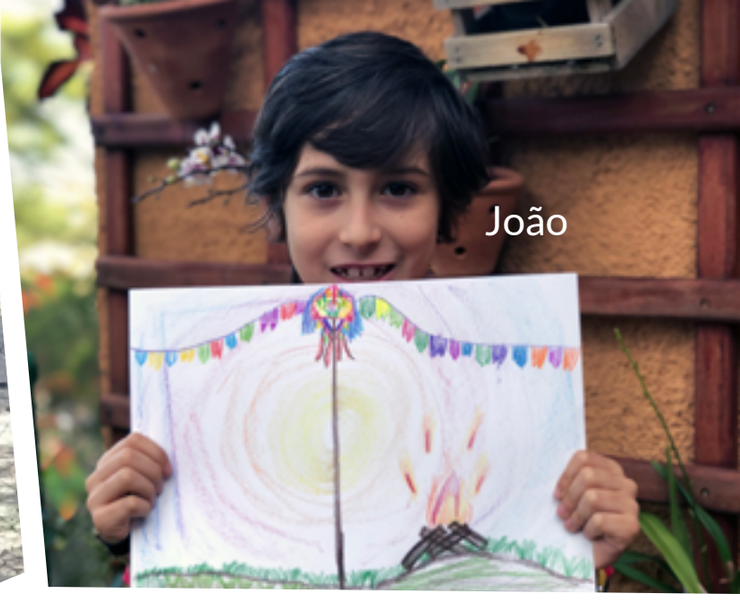
ouça aqui "Dona Mariquinha"

Produção musical, arranjo e instrumentos virtuais: **Marcel Rocha**
Piano, voz e preparação musical das crianças: **Helena Castro**

Pedro

Maria
Fernanda

Micaela


João

Mila

Juliana

Leo

Naomi

Laís, do 1º ano, aproveitando as brincadeiras do irmão

João

Luiza

ECCE AGNUS DEI

MILA GOMES
2019

quarto ano

# Superação

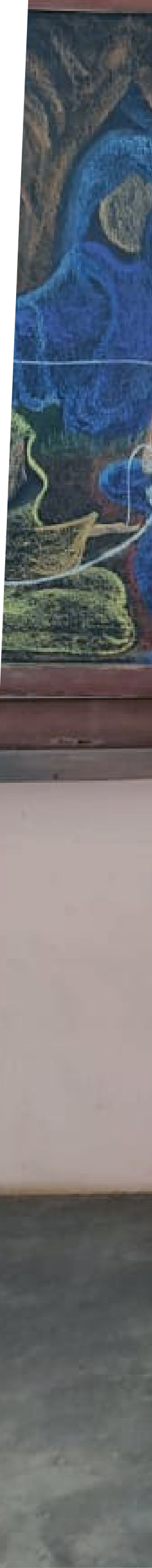
## Bianca Cerri, professora de classe

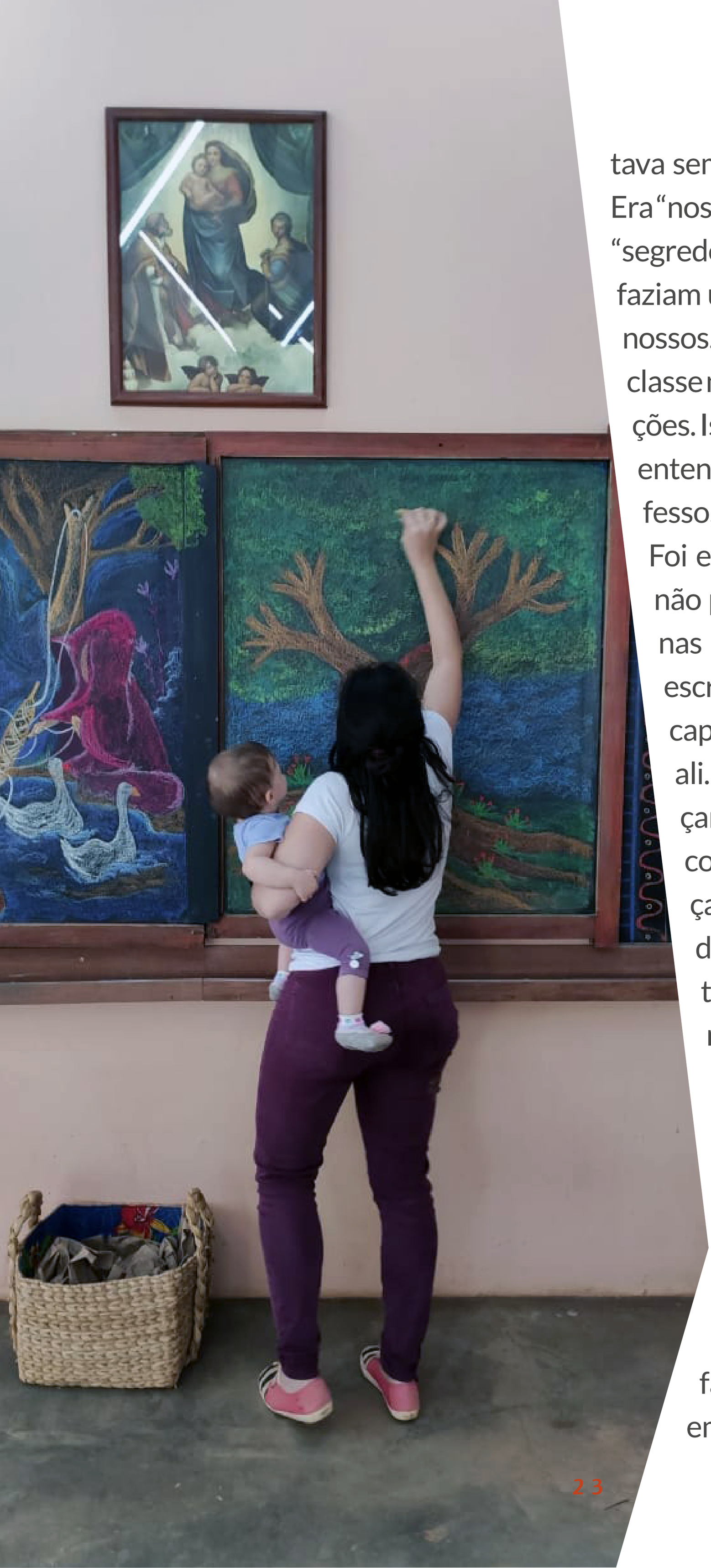
Lembro do dia do portal como se fosse ontem. Foi um dia depois do meu aniversário de vinte e oito anos. Aniversário esse que nem consegui celebrar como de costume, tamanho o frio na barriga. Um tanto simbólico. Preparamos o portal florido, ensaiamos as canções e lá estávamos nós para o grande encontro. Dia que recordo e viverá em mim para sempre. Eu, tão jovem e tão cheia de sonhos e ideais.

Fato que os dias foram passando, as semanas e os meses. E hoje, quatro anos após o portal, já passamos por tantos outros deles. Partidas e chegadas transformando nossa sala e a cada um de nós. No ano passado, vivi meu portal pessoal, o mais intenso de todos até então: a chegada de minha filha. Eu imaginava, mas ainda não sabia, não conhecia a grandiosidade que é receber uma filha, um filho. Parece que a gente amplia, cresce, fica infinito e ao mesmo tempo o inverso de tudo isso. Assim tem sido maternar. Chegou a hora, então, de voltar para a rotina do trabalho na escola. Minha cabeça ainda pensava como antes e logo de cara notei que as coisas nunca mais seriam as mesmas.

Sai de casa chorando no primeiro dia, mas meu coração se encheu de alegria quando vi meus alunos e alunas chegando correndo. Com suas mochilas e pernas compridas (como cresceram!). Cumprimentar um a um na porta e ouvir o famoso: “Bom dia, querida professora Bianca!”. Ahn, que alegria! Todos mudados, crescidos. Que honra poder acompanhar parte da trajetória dessas meninas e meninos. As aulas corriam bem. As histórias de mitologia nórdica envolviam a todos.

“Nossa Yggdrasil”, árvore que nos acolhia durante as narrativas, es-





tava sempre ali, frondosa e receptiva. Era "nossa" e ninguém mais sabia desse "segredo". Pequenas vivências que nos faziam um grupo, pequenos segredos nossos. Quebrei um tijolo no chão da classe no primeiro dia da época de frações. Isso causou espanto, mas todos entenderam o que é fracionar. Confesso, as pizzas também ajudaram. Foi então, que da noite para o dia, não podíamos mais estar ali. Palco nas nossas descobertas. As cartas escritas em runas, feitas com tanto capricho para as famílias, ficaram ali. Os desenhos de lousa começaram a empoeirar. Os cartazes com os trabalhos do dia começaram a desbotar. A classe física dormia em sono profundo. Não tinha mais jogo de matemática, nem caligrafia com bambu. O Thor cansou de esperar nossa volta para os ensaios do teatro. Nenhum trovão mais soava na sala do 4º ano.

Em cada casa, em cada ser, as dúvidas pulsavam. O que fazer? E essa pergunta viveu em mim por longo tempo. Ainda

vive. Mas algum passo precisava ser dado. E junto com todas essas perguntas, o desafio de ser mãe e professora.

Cobranças, incertezas e angústias. Precisávamos parar, refletir e agir. Lá fomos nós, nos aventurar em terras virtuais. Aprender a usar ferramentas novas, novas maneiras de estarmos juntos. Ideal? Nunca. Nunca? Muito tempo. Fato: encontros *on-line* nos permitem, pelo menos, vermos uns aos outros. Fomos nos descobrindo e até a fração voltou a ter graça. Narrativas, desenhos, modelagens, época de geografia! Mapa da escola, mapa de casa, a gente foi reinventando o jeito de fazer.

Coroamos o ano com a época do "Ser humano e os animais". Que lindo ver meus alunos e minhas alunas crescendo e conquistando novos horizontes. Que lindo poder vê-los lendo seus próprios textos, escrevendo com suas canetas-tinteiro cheios de orgulho, tocando seus instrumentos e escrevendo cartas. Lindo também foi perceber tudo o que descobriram de forma autônoma! Descobertas valiosas e profundas! Cada um à sua maneira. Isso faz tudo valer a pena.

Que honra poder viver isso com essas crianças maravilhosas. Lembro bem do portal e da chegada de cada um que veio depois, mas não de maneira menos importante. Apesar dos desafios que cada época traz, nós seguimos nos descobrindo e aprendendo. Que honra participar de uma parte da vida de cada um.

Com elas eu aprendo a cada dia. Com elas eu me aprofundo e aprimoro na missão de ser professora e mãe. Que venha o 5º ano, com suas novidades, transformações e superações.

*Para os pontos cardeais*

*indicar com exatidão,*

*não preciso nada mais*

*do que tomar posição.*

*Estendo o braço direito*

*para o LESTE, onde o sol nasce.*

*Para o OESTE, onde ele deita,*

*eu estendo o outro braço.*

*O SUL ficará assim,*

*certamente atrás de mim.*

*Piso firme e olho forte*

*para frente, onde é o NORTE.*

POEMA DE RUTH SALLES - ADAPTADO

***No 4º ano as crianças vivenciam a primeira época de geografia. O grande objetivo é que passem a se localizar no espaço, conhecendo seus arredores. Os pontos cardeais são experienciados a partir desse poema, da observação do sol e da confecção da rosa dos ventos.***

FOTO: RAQUEL CORDEIRO

quinto ano

# *O que a vida quer da gente é coragem*

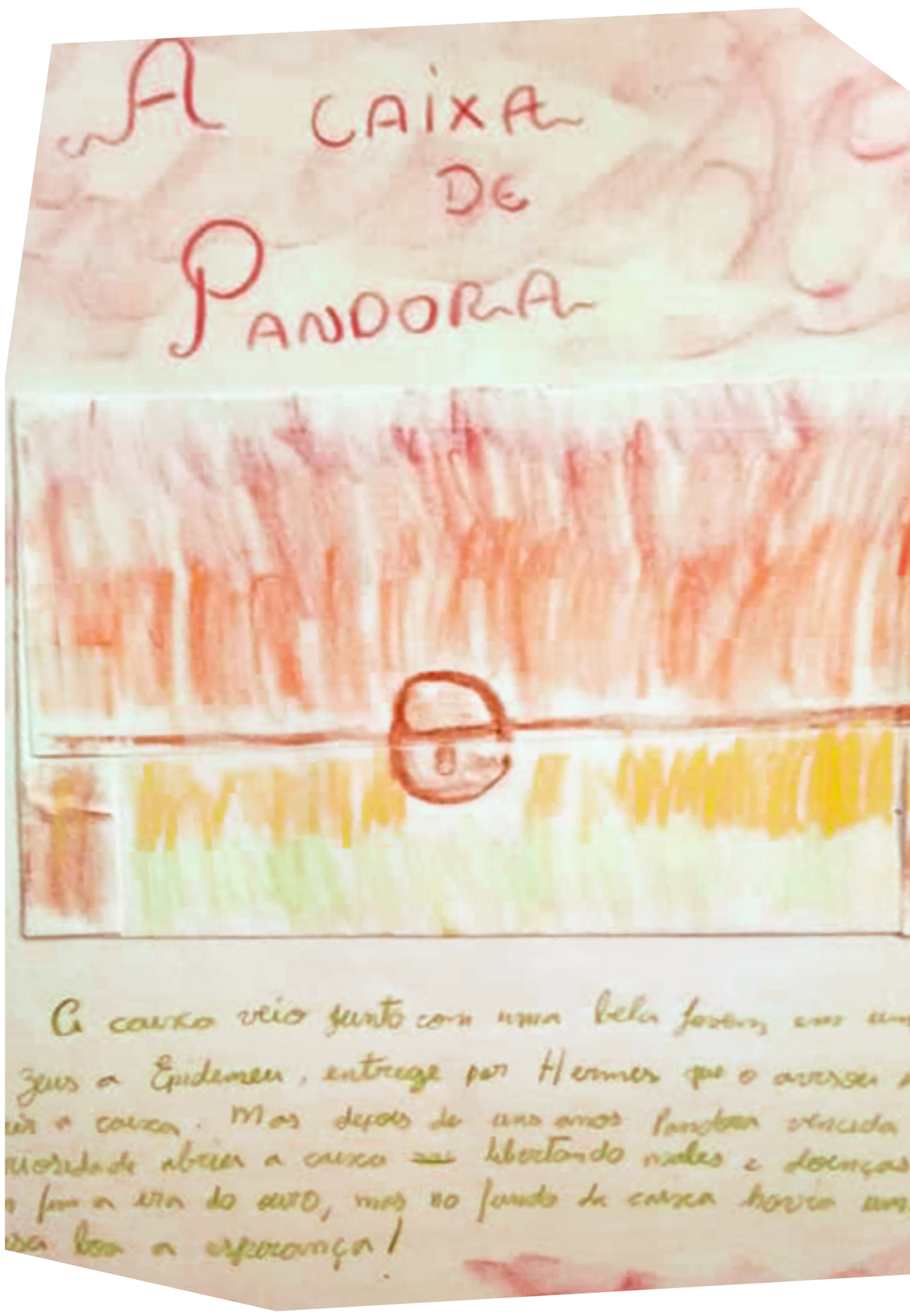
## Andreza Souza, professora de classe

Nós, do 5° ano, enfrentamos, como todos, alguns desafios. A tarefa da professora era realizar uma substituição, só não sabíamos que seria a distância... Estava tudo tão planejado: a professora Gisele sairia de licença para dar à luz a bela Ana Clara e a professora Andreza acompanharia os pequenos gregos nessa jornada.

Março de 2020, toque de recolher!

Medos. Inseguranças. Quem sou eu? Quem são eles e elas? Quem somos nós?

O que faríamos com as nossas crianças de 11 anos? Com toda plenitude e vontade que estavam para conhecer o mundo? A bela composição do seu corpo físico, pronto para viver intensamente cada movimento!




DESENHO:
JOÃO FRANCISCO GARCIA

Assim como os gregos, na Grécia clássica, a civilização que refletiu sobre o mundo, pusemos a questionar... Mas o chamado era também para o mundo interior.

Tantas coisas acontecendo lá fora, não é? Um caos, o mais escuro do tártaro. Mas, e aqui dentro? Como estávamos? Como estamos?

Vivemos nas entranhas a sabedoria de Sócrates e tivemos a certeza de que de nada sabíamos. Depois, concluímos com o nosso querido Guimarães Rosa, que a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta e o que ela quer da gente é coragem.

Nós, pequeno e grandioso núcleo do 5° ano, nos reinventamos. Construímos laços fraternos que ultrapassaram as telas frias. Entregamo-nos e, de nossas casas, sabendo que sabemos tão pouco dos mistérios da vida, decidimos por viver e fazer a nossa história. Permeados de amor e coragem, nos unimos para nos acolher!




DESENHO:
LUCA NOVAES

quinto ano

# Os pequenos gregos

Juliana Filette, professora de educação física

Em novembro, o quinto ano, junto com as professoras Andreza e Juliana, se reuniu para celebrar o ser humano em movimento na Época da Grécia. Antigamente, os gregos valorizavam a beleza do movimento, oferecendo-o aos deuses do Olimpo. Aqueles que praticavam com coragem, determinação e cooperação sentiam dentro de si todo o Universo.

Eram disputadas cinco modalidades: corrida, salto, luta, disco e dardo.



Lara Terra

Pela primeira vez na escola Veredas, os alunos puderam confeccionar seu próprio disco (feito de papelão e areia) e seu próprio dardo (feito de cabo de vassoura e garrafa pet). Ao mesmo tempo em que conheciam as histórias dos deuses Apolo e Zeus, com empenho, dedicação e capricho, os alunos construíam belos discos e dardos, revelando então a individualidade de cada criança.

Os pequenos gregos vivenciaram tanto no presencial como em suas casas os lançamentos e o salto em distância. Ao observá-los, mesmo através das telas, pude notar o brilho nos olhos, o entusiasmo e a leveza de cada criança. Que alegria poder fazer parte dessa época mais do que especial e enxergar de perto a força e coragem com que as crianças dessa idade encaram os pequenos e grandes desafios.



Davi
Ferreira

sexto ano

# *Você já percebeu algum "cacho de banana" hoje?*

**Luisa Duarte,**
**professora de classe**

Dezembro! Ufa!! O ano está terminando! Quando chegamos nesta época, geralmente em nossa escola, nós, professores, estamos permeados por muito cansaço, mas também por muito contentamento e gratidão pelo ano trabalhado. Este ano não teremos nossa Exposição Pedagógica que sempre mostra lindamente sementes plantadas ao longo do ano; não teremos também o Bazar de Natal que tanto aquece nossa comunidade e nem O Baile do Menino Deus, que tanto nos une e nos irmana em profunda admiração, alegria e comoção!

Mas o cansaço se faz presente! E parece maior e também diferente. Um cansaço mais seco, mais desértico e solitário, produzido e forjado ao longo de longos oito meses por um fenômeno invisível aos nosso olhos que promoveu mudanças gigantescas em vários âmbitos da vida humana e planetária, que desalojou tantas certezas, que, paradoxalmente, abriu e fechou tantas possibilidades em nossas vidas, que levou tantas vidas, mas aqueceu tantas outras que aqui ficaram e estavam adormecidas! Coragem, reinvenção, transformação, superação, fraternidade, resiliência foram não apenas algumas das palavras mestras deste ano, mas as ferramentas de sobrevivência, aprendizado e autodesenvolvimento para aqueles que tiveram olhos para perceber, coração para sentir e mãos para atuar neste período.

E quase ao terminar o ano, eu, como professora do 6º ano, alicerçando uma retrospectiva mais consciente, tento observar e acessar dentro de mim o que este ano, para além do cansaço e superação de desafios, despertou, semeou dentro de minha alma, em meus pensamentos, na minha forma de atuar, de sentir este mundo e na vida que me envolve.

E nesta reflexão lembrei-me de uma vivência bem singela que tive aqui em minha casa ainda nos primórdios da quarentena, que me elevou a muitas reflexões sobre este período e que compartilhei com

as famílias de minha classe na ocasião e gostaria de compartilhar agora com você, que lê o jornal de nossa escola.

Moro numa chácara em Barão Geraldo e com este isolamento agradeci e agradeço todos os dias a oportunidade de estar morando num local que me possibilita uma qualidade de vida, contato com a natureza, espaço para diversas atividades saudáveis, produtivas, prazerosas... E num dia, bem cedinho, sentada na varanda de casa com uma xícara de café bem quente nas mãos, olhando o jardim como sempre faço, como que uma brisa leve e fresca levou meus olhos a observarem um vigoroso e generoso cacho de bananas pendendo do alto de uma das bananeiras, bem em frente à minha varanda. Não o vi nascer, crescer e nem tampouco pouco desenvolver e por pouco iria deixá-lo fenecer, sem mesmo saber de sua existência! E tudo bem na frente dos meus olhos de todo dia!

Fiquei ali olhando aquele lindo cacho, com a mão aquecida na xícara de café e pensei: o que fez meus sentidos perceberem hoje a existência deste cacho delicioso de bananas suculentas? Apenas meus olhos? Fiquei a pensar e quase a meditar em cena tão singela e aparentemente trivial! E ali, matutando entre trinados de bem-te-vis, maritacas e sabiás que acordavam o dia, pude dar conta que não foram meus olhos que perceberam apenas, mas algo além deles, já que todo dia, quase que invariavelmente, meus olhos passeavam por este cenário. Algo dentro de mim, partindo de minha alma, com intenção e consciência de observar o meu jardim, os seus cantinhos, os seus cheiros e gestos, fez-me perceber a sua existência!

Para além das inúmeras bananas a serem saboreadas por cacho tão generoso, o que eu poderia aprender com vivência tão singela, mas tão permeada de vida, presença e eu diria até de poesia?

Muitas perguntas vieram-me à mente! E certa inquietude e um calor permearam meu corpo e meus pensamentos. Para além das muitas reflexões sobre a minha vida, fizeram parte também desta revoada de perguntas algumas sobre as quais acredito que também permearam muitos de vocês ao longo deste ano: o que nós, como humanidade, tivemos e

temos que aprender com tudo isso que está acontecendo no planeta? Qual o recado que este vírus invisível que se espalhou sorrateiramente pelos quatro cantos do mundo consumindo vidas, ceifando outras, paralisando a vida frenética nossa de cada dia, diminuindo a renda de milhões de pessoas etc. está nos querendo dizer? O que nós temos aprendido com e sobre nossas filhas e filhos nesta convivência intensa e diária em meio a *home offices*, inúmeros serviços de casa etc.? O que as crianças e jovens, por seu lado, têm aprendido conosco e sobre nós neste período?

Como professora, não tinha mais as crianças ao meu alcance sensório, real, de corpo e alma onde podia vê-las, tocá-las, senti-las, observá-las! Fiquei a refletir como poderia ensiná-las e trabalhar os conteúdos se não tinha algo que, no Ensino Fundamental, na perspectiva da Pedagogia Waldorf, é tão essencial como o próprio sangue em um ser vivo, que é a relação, o vínculo entre a professora e seus alunos? Não é uma relação qualquer, trivial, de convivência externa e social, mas uma relação profunda ancorada num vínculo amoroso, de pertencimento um ao outro, a partir do qual os conteúdos permeiam e transpassam internamente o professor e fluem para os alunos de alma para alma, transformando-se, transmutando-se e fundindo-se com o que vem também dos próprios alunos e tudo através da relação, dessa presença e interação. E agora essa relação, esse vínculo e todas essas qualidades haviam se quebrado! E que vácuo, que vazio e solidão isso trouxe a nós, professores!

Enfim, tarefa nada fácil para todos nós! Porém, agora, transcorridos mais de oito meses posso dizer com mais consciência, segurança e até com certa emoção que durante todo este tempo fomos envolvidos, amalgamados e alimentados pela qualidade das palavras que considero mestras deste ano: coragem, reinvenção, transformação, superação, fraternidade, resiliência!

E assim, retorno à história da varanda da minha casa, observando o singelo e generoso cacho de bananas pendendo para o chão e quase sussurrando aos meus olhos naquele momento para ser

colhido e saboreado, cuja existência, beleza e sabor passariam despercebidos por mim se não fosse um olhar, não com olhos de ver, mas com olhos invisíveis, de dentro, das entranhas da alma com qualidade de consciência. O que nós, então, no papel de professores, que tentamos com os mais variados esforços adaptar atividades, reinventar outras, por vezes virar do avesso nossas práticas pedagógicas, temos e podemos aprender e superar com tudo isso?

Fazer estas e outras perguntas para o nosso íntimo, além de potencialmente poder promover muitos aprendizados, ativa uma presença, uma disposição de alma e mais ainda, pode fortalecer nosso Eu frente ao mundo que nos rodeia, nos aperta, por vezes nos sufoca, mas... que também nos solta, alivia e refresca! Mas para tal precisamos estar mais abertos e atentos para observar, sentir, refletir, estar mais em si e, metaforicamente dizendo, sendo capaz de observar um "cacho de bananas" que sempre esteve ali, na nossa frente, mas que sem uma consciência e uma presença ativa não conseguiríamos perceber!

Quantos "cachos de bananas" deixamos de observar no nosso dia a dia corrido, sem tempo, sem fôlego? E eles ali na nossa frente! Nesta quarentena sem fim, quantos "cachos de bananas" pudemos e ainda podemos descobrir em nossos alunos, em nossos filhos, em nossas relações, em nosso silêncio etc.?

Com certeza, é bem mais fácil fazer vir à nossa consciência um cacho de bananas de verdade, no jardim...rsrsrs. Mas fica aqui pra você uma metáfora, uma imagem, um convite: perceba mais os "cachos de banana" que te rodeiam! E certamente novos frutos virão, pois estamos na época de novas semeaduras! Renascer em corpo, alma e espírito talvez seja a nossa grande inspiração, transformação e missão a partir de agora! E o momento é mais do que propício. Está chegando a época do Advento e, com ele, o Natal! Fiquem bem! Fiquem em paz! E com muitos "cachos de banana"!

AQUARELA DE FUNDO E DESENHO DO PASSARINHO: FREEPIK.COM

sétimo ano

# Travessia

## Mariana Bugano, professora de classe

***Ah, tem uma repetição, que sempre outras vezes em minha vida acontece. Eu atravesso as coisas – e no meio da travessia não vejo! – só estava era entretido na ideia dos lugares de saída e de chegada. Assaz o senhor sabe: a gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda é num ponto muito mais embaixo, bem diverso do que em primeiro se pensou. Viver nem não é muito perigoso?*** João Guimarães Rosa, Grande Sertão: Veredas.

"E no meio da travessia não vejo". Não vemos... Mas de repente estamos diante da necessidade de cruzar algo desconhecido, apenas com a certeza de chegarmos do outro lado em um lugar muito diferente daquele de onde saímos. Isso é o que é próprio das travessias e passagens, como o são também o medo e sua irmã gêmea, a coragem. Se a coragem é seguir adiante mesmo tendo a notícia do seu medo, somos todas pessoas mais ou menos corajosas. Alguns mais, outros menos. Cada um ora mais, ora menos.

E o que nos apoia na travessia, na superação do medo do desconhecido diante do qual nos vemos paralisados? Eu penso que é o fato de sabermos que não estamos sós. Dar as mãos foi o gesto mais importante neste tempo de isolamento. Justo as mãos, que não devem tocar no outro, que precisam sempre estar limpas... Lava a mão direito, menino, passa o álcool gel!

Mas há outras mãos além da que podemos tocar: há o olhar, a palavra, a

FOTO: RAQUEL CORDEIRO

presença, a confiança, a parceria. E isso nos carrega e nos sustenta durante uma travessia. E o ser humano, por ser maior que a técnica e a tecnologia, é capaz de encontrar o outro, mesmo estando à distância (e é também capaz de não encontrar o outro, mesmo estando próximo).

Por termos a tarefa de educar em uma escola Waldorf, aprendemos ainda a confiar nas mãos invisíveis daqueles que se interessam pelo compromisso que assumimos com o coração como professoras e professores diante das crianças e de toda a comunidade: "na ajuda sempre presente do mundo espiritual". E aprendemos isso porque a cada amanhecer sentimos que não seríamos capazes de realizarmos sozinhas e sozinhos, sem tal ajuda, tamanha tarefa.

Como professora de classe de um sétimo ano, termino este ano cultivando a confiança de que podemos estar além daquilo que nos percebemos capazes quando estamos diante dos maiores desafios, desde que tenhamos condições de reconhecer um ideal luminoso, de manter o coração aberto e aquecido, e de colocar nossa vontade a serviço de uma causa.

O que me faz querer cultivar a confiança ao olhar retrospectivamente para esse ano tão marcante? São, como sempre foram, minhas alunas e meus alunos. Elas e eles são certamente um grande exemplo de resiliência e superação quando, do alto de seus 12 ou 13 anos, seguem aprendendo, produzindo, se relacionando com as belezas do mundo e confiando nos adultos que se dedicaram a acompanhar seu caminho de formação com interesse e responsabilidade.

Sigamos atravessando, com coragem e confiança. Por todas e todos nós.

***Que: coragem – é o que o coração bate; se não, bate falso. Travessia – do sertão – a toda travessia.*** João Guimarães Rosa, Grande Sertão: Veredas.

oitavo ano

# 8º, e o teatro?

Alynne Weiss, professora de classe

***Do amor à tarefa, surge o novo na vontade. Do abraço de professores, pais e alunos, sua realização. A visão dará lugar aos ouvidos, uma história entrará no coração.*** Professor Lincon

O que falar sobre superação em relação ao teatro de 8º ano numa escola Waldorf em ano de pandemia?

A primeira palavra que vem em mente é desapego!

Desde o dia em que escolhi a peça de teatro "As Mil e uma Noites" para meus alunos, sonhei com sua realização, com eles como atores, no palco, superando medos diante de um público e se abrindo para essa potência mágica e transformadora - até catártica - que vive em vestir-se de um personagem. Falar de teatro, do ator e do palco é falar de entrega, de autoconhecimento, de expressão artística, de trabalho em grupo, de uma linda experiência para jovens de 14 anos diante do portal para o terceiro setênio.

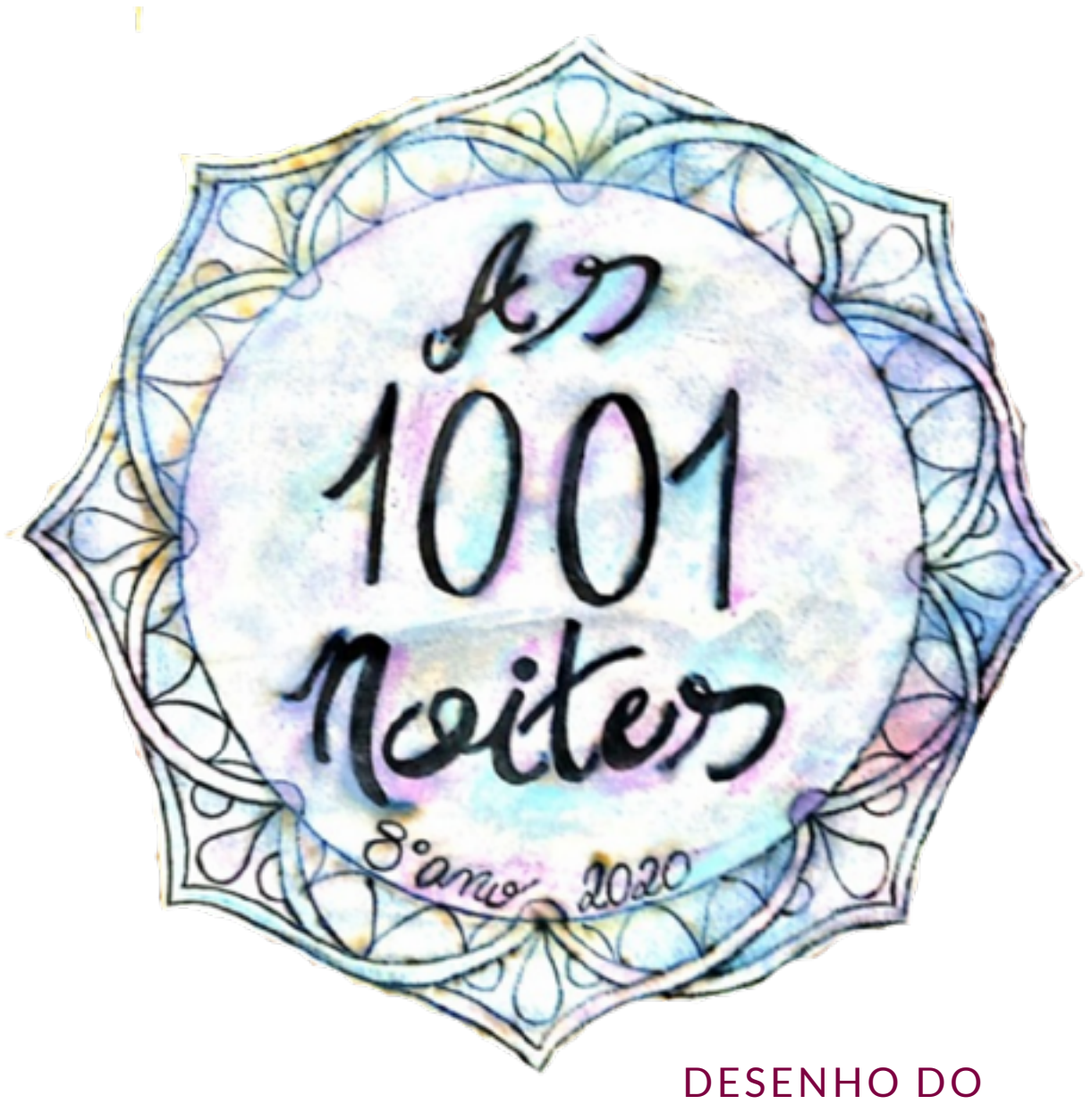
"O processo é muito mais do que a apresentação final": essa parece uma reflexão óbvia, mas não era nos dias em que me dava conta de que não apresentaríamos da forma habitual, como idealizamos. Essa constatação, em meados de junho, foi tirando forças minhas e dos alunos. Percebi-me focada na finalização e não no processo. É aí que entra em cena nossa palavrinha do início do texto, desapego, que não surgiu magicamente num esfregar da lâmpada do Aladim. Foi difícil desapegar da ideia de palco e público e me segurar no ator somente. Seria necessário reformular o teatro e me abrir para outra linguagem artística. Abrir mão de algo esperado e cultivado ao longo dos anos tende a vir carregado de frustração e esta se estampava no rosto dos jovens.

Não queria que eles se vitimizassem com a ideia de "justo no meu ano", mas também não podia negar o luto e a dor por não estarem vivendo a magia que observaram atentos, acontecendo nos jovens dos anos anteriores, que corriam pela escola quase sem tocar o chão, extasiados com a intensa experiência de viver o teatro em todas as suas esferas.

Validamos nossa dor, sentimos e nos retraímos por um tempo... e só depois nos abrimos para o novo. É preciso coragem para desapegar do que virou tradição e se lançar no inédito!

Imbuídos dessa coragem, mas também tropeçando nas incertezas do inusitado, nos propusemos a vivenciar uma radionovela. Ou melhor, um teatro em formato de *podcast*. Será uma experiência diferente, na qual o público será convidado a usar da imaginação para enxergar o mundo mágico das "Mil e Uma Noites" através de paisagens sonoras desenvolvidas especialmente para esse formato.

DESENHO: CLARA SILVESTRE




DESENHO DO LOGOTIPO DA PEÇA: SOFIA NEGRÃO

É difícil nos convencer da grandeza do que vive no som, do seu poder de nos teletransportar. Estamos tão acostumados a viver na sedução do mundo visual que pouco apreciamos o que chega aos nossos ouvidos. Agora é a hora da imaginação individual complementar a ausência de imagens, permitir que os heróis e vilões de nossa história tenham tantas faces quantos forem os ouvintes que acompanharão atentos o desenrolar dessa comovente trama.

Sherazade é a nossa fiandeira de história e com suas narrativas reconstrói o coração dilacerado do Sultão Shariar que, por sua vez, ouve atento e se permite criar imagens internamente. Nossa peça fala justamente do poder das palavras, do som e da transformação do mundo interior através do que chega aos ouvidos.

Quero aproveitar este espaço e agradecer aos meus colegas professores do grupo de teatro, que me apoiaram em todas as escolhas e me ajudaram de tantas formas, aos pais que confiaram e aos alunos que se permitiram viver essa nova experiência!

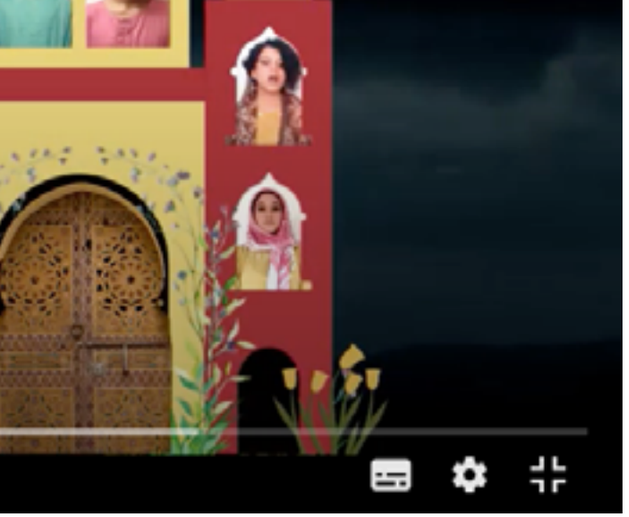
***Essa é a nossa superação:***
***O teatro do 8º ano ganhando novos espaços, contextos e nova dimensão.***

## *Depoimento de uma mãe*

***E chegou 2020! Depois dos anos no Jardim e toda a caminhada durante o ensino fundamental, é chegado o ANO DO TEATRO DO OITAVO ANO. Nós, mães e pais, iniciamos o ano com reuniões, planejamento, organização de comissões, estratégias de arrecadação de dinheiro.***
***E aí chegou março!!!!!***

***A nova realidade se impôs da noite para o dia, como se tivéssemos mudado de mundo. Ultrapassado o primeiro susto, superadas as necessidades de adaptação para as aulas a distância, chegamos ao Teatro. Faremos? Como? Quando? Deixamos para 2021? Será possível em 2021?***

***Foram muitas conversas até chegarmos às reflexões de que a vida existe de verdade no agora. Sendo assim, resolvemos lidar com a realidade do agora e fazer algo que permita a vivência do teatro, respeitando os cuidados que o momento exigia.***



TEASER LANÇADO NO YOUTUBE DA ESCOLA DIAS ANTES DA ESTRÉIA

DESENHO: MARIA DE FARIAS

***E foi assim, como grupo, que começamos a criar estratégias: radionovela, ensaios a distância, criação e execução do "biombaiabox" e toda uma estruturação de tecnologia para proporcionar ao oitavo Ano de 2020 a experiência da atuação ao vivo. A adaptação da peça "As Mil e Uma Noites" para radionovela realizada e transmitida ao vivo para toda a comunidade e mais, pois não havia restrição de espaço físico para a plateia!***

MÍRIAN SILVESTRE, MÃE DA CLARA

DESENHO: VANESSA JAKOWATZ

# O ano de 2020 e Micael

Lívia Ribeiro, professora de ensino religioso

Poucas palavras poderiam de fato expressar o que passamos e ainda estamos passando no ano de 2020. Cada família, cada pessoa à sua maneira, todos certamente afetados por uma situação de calamidade que atingiu toda a humanidade. Não somos os únicos, outras gerações já passaram por isso, ou até por algo pior, mas na nossa geração esse é o primeiro evento a nos mobilizar dessa maneira e de forma tão abrangente.

Certamente já nos perguntamos o que esse período tem a nos dizer. Individualmente, ao longo de todo esse tempo em nossas casas pudemos nos questionar e encontrar respostas sobre os aprendizados que pudemos ter com esse evento, o que ele veio nos trazer de positivo, de construtivo. Em meio a todo o caos que se instaurou com as medidas de precaução, pudemos vivenciar nossas vidas de forma avessa e, apesar dos percalços, encontrar brechas de luz onde verdades essenciais puderam ser vertidas.

*Micael, o ser espiritual do qual tanto ouvimos na Pedagogia Waldorf, é o guia de nosso tempo. É ele quem rege esse momento de nossa história. O que será que ele quer nos comunicar com toda essa situação?*

Micael, o ser espiritual do qual tanto ouvimos na Pedagogia Waldorf, é o guia de nosso tempo. É ele quem rege esse momento de nossa história. O que será que ele quer nos comunicar com toda essa situação?

Micael nos traz alguns ensinamentos muito preciosos que podem ser grandes chaves num momento como o que estamos vivendo. Ele nos exorta a atuarmos a partir de nosso ser mais íntimo e termos coragem de agir com o coração plenamente consciente. Para tanto, precisamos nos dedicar a visitas ao nosso interior e cuidados com ele, limpezas e ajustes, para deixá-lo limpo e arejado. Dessa forma, podemos nos dedicar de forma compassiva e amorosa aos demais que nos rodeiam, às tarefas que nos solicitam, aos encontros, mesmo que virtuais, com as pessoas que colaboram conosco.

E quer lugar para mais encontros do que nossa escola? A escola é o lugar do encontro com o outro e no encontro com o outro é que a escola inteira se forma, se forma a Comunidade. O grupo formado pela Comunidade é regido por um Arcanjo, o ser espiritual da Escola, que só é acessado quando seus integrantes caminham com um mesmo ideal e praticam a capacidade de falar e ouvir de forma amorosa, respeitosa, independente das afinidades que se estabelecem desde o primeiro encontro e nos demais encontros. O que importa aqui não é o que o encontro provoca na alma de cada um, mas sim o que cada um faz com o que é provocado. Micael nesse momento nos exorta a agir com coragem mais uma vez, com o coração consciente, promovendo a atmosfera de paz e de união que todos desejamos para nossa escola, para o mundo.

Quarentena é um termo usado em algumas situações, como o período após o nascimento de um bebê no qual a família se ajusta com a nova chegada. Quarenta é um número que se relaciona à transformação, como nos dias em que Cristo passou no deserto ou, após sua ressureição, aqui na Terra. Estamos em época de plena transformação e só cabe a nós nos abrirmos para que ela possa atuar em nossas vidas e de fato transformar o nosso íntimo e o nosso entorno, como consequência.

Por fim, Micael, sendo aquele que rege o nosso tempo, também tem

uma mensagem sobre o tempo. Muito sabemos como humanidade sobre o espaço, inclusive podemos alterá-lo da forma que nos for mais conveniente. Mas como temos nos relacionado com o tempo? Passado, presente e futuro... como cada um deles vive e atua em nossas vidas? Nós percebemos que existe um tempo prosaico, cartesiano e um outro tempo poético, lírico? A qual desses tempos damos valor, cultivamos? Que qualidade de tempo semeamos e entregamos a nós mesmos e a nossas crianças?

São apenas perguntas, mas que elas nos suscitem a pensar, sentir, averiguar, enfim, que nos movimentem para que transformações cheguem e que junto a elas cultivemos cada dia mais nossas relações, nossa comunidade, nossa escola. Somos todos parte dela, e parte atuantes, tendo consciência disso ou não.

Para aqueles que quiserem comunicar-se de forma corajosa e amorosa com o ser da nossa escola, aqui ao lado encontra-se a oração ao ser da escola redigida por ***Henry M Traurig***:

*Que o Ser desta escola*

*Invisível, como o ar que flui*
*através da árvore e da flor*

*Através de espadas e*
*palavras de crianças*
*brincando*

*Guie-nos à consciência*
*correta e à coragem correta.*

*Para que nós, reunidos em*
*um círculo de confiança*
*solene,*

*Não governemos nem pelo*
*medo nem pelo espírito*
*endurecido,*

*Mas permitamos que nossos*
*corações batam fortes e*
*verdadeiros como Um.*

Que nossos corações se unam nesse mesmo ideal e que nos transformemos a cada dia para que esse ideal possa se manifestar aqui na Terra!

# Olhares

## Ana Cecilia Padilla, professora de língua portuguesa

### *Textos trabalhados nas aulas remotas durante a quarentena da COVID 19, 2020*

*O mundo, ou talvez seja o Ocidente, levou uma rasteira e, tendo batido as costas no chão, está momentaneamente sem ar. Este é o mundo e estes somos nós, tão confiantes de nossa própria soberania. Subitamente nos vemos sem chão. Basicamente, estamos desamparados e temos medo. A autoconsciência é uma lástima.*
*"Como disse Byung-Chul Han, "não podemos deixar a revolução nas mãos do vírus".* DORIAN VIEIRA, 10º ANO

---

*Estamos oficialmente fora das nossas bolhas, a zona de conforto não se faz mais presente, a única certeza que temos é de futuro imprevisível. A incerteza se fará presente por toda nossa vida, vamos aprender a acolhê-la ao invés de tentar expulsá-la pela porta dos fundos.*

DANIELA SILVÉRIO, 11º ANO

---

*Foi difícil no começo, é claro, não sabia mexer em e-mails, estava super enferrujada em mexer em teclados, cada texto demorava horas, tudo era confuso. As primeiras épocas foram insuportáveis, estava o tempo todo estressada pois parecia que as lições nunca iriam terminar, passava horas na frente da tela, nunca conseguia ir aonde eu queria, nem no mundo real, nem no mundo digital. Para mim, o mundo digital era um mundo desconhecido, muito complicado, cheio de truques. Tudo era uma bagunça, mas estava tudo bem, pois dali a duas semanas iríamos voltar para as aulas normais. Aconteceu que duas semanas passaram a ser quatro, depois dois meses e assim foi. Como assim não tínhamos data de retorno????? Não entendia mais nada. Com o passar dos dias, semanas e então meses, o meu notebook parou de ser uma armadilha e passou a ser uma parte importantíssima do meu dia a dia. A incerteza já não era algo que eu não conseguia compreender, ela estava ali e aprendi, na*

*maior parte do tempo, a ignorá-la. As lições já não demoravam tanto para serem feitas, os professores e nós, alunos, engajamos na nova realidade, parecia que finalmente as coisas começaram a fluir, até comecei a ter mais tempo para fazer coisas que antes eu não conseguia. As coisas acontecem tão parecido todos os dias, que não posso nem acreditar que já passei o maior frio e então o maior calor, não posso nem acreditar que só temos alguns poucos meses para o fim do ano. Mas o mais "incrível" é que vou voltar para as aulas presenciais, animada? Super, com medo de ser uma bagunça e de deixar as aulas normais para trás? Com certeza.*

NATALIE LOHKEN, 11º ANO

---

*Mas eu me surpreendi, e como me surpreendi… Química foi incrível, pois é mágica, eu amei química, compreendia tudo que meu querido professor falava e estava muito interessada nas suas explicações, foi uma experiência nova, como se eu tivesse redescobrindo a matéria e vendo como eu consigo aprender e gostar de algo, mesmo a distância, me deu forças para continuar me esforçando para com as outras matérias; realmente tenho muito a agradecer ao meu professor, ele reacendeu em mim a vontade de continuar quando eu estava quase desistindo.*

*Sociologia foi muito esplêndida, me fez pensar sobre muitas coisas, sobre como precisamos mudar urgentemente, como as coisas precisam ser reinventadas, como eu preciso me reinventar. Particularmente a sugestão do professor de escrevermos um texto contando "quem eu sou?" foi uma experiência necessária e muito importante para mim, principalmente naquele momento; naquela época da quarentena eu estava me sentindo perdida, sem um rumo, apenas vivendo por viver, fazendo as aulas e as lições por fazer; mas não, durante aquela tarde em que escrevi o texto eu me reencontrei, estabeleci novamente dentro de mim quem eu sou, quem eu fui e quem eu posso vir a ser.*

*Não sei se só eu vejo assim, creio que não, mas eu irei levar muitos aprendizados desses meses de distanciamento, não somente algo presente no currículo escolar, mas algo mais profundo, tenho a certeza de que vou sair desse momento de quarentena muito mais forte do que quando entrei. Nesse tempo pude pensar mais em mim, pude chorar as lágrimas que ti-*

*nha para chorar, pude ver como um abraço faz falta em momentos difíceis, e meu Deus...como sinto falta dos meus amigos.*

MARINA DE OLIVEIRA. 11º ANO

## *Proposta feita ao 10º ano, de atualização da crônica de Marina Colasanti, outubro, 2020*

*A gente se acostuma a ver as pessoas indo a festas, enquanto você fica em casa e faz a sua parte. E, porque vê os outros saindo de casa sem necessidade, a gente se acostuma a pensar que só nós estamos ficando em casa, adquirindo uma angústia enorme. A gente se acostuma a ficar triste, a se sentir deprimido. E logo, se acostuma a se sentir isolado.*

*A gente se acostuma a ficar o dia todo na internet, nas redes sociais. E porque fica o dia todo nas redes sociais, fica o dia todo no celular, no computador, na TV. E, porque apenas fica escravo dos eletrônicos, se acostuma a não sair no quintal, a não observar as pessoas, a natureza, os animais, se acostuma a não observar a vida. A gente se acostuma, mas será que devia?* ISIS TORRES, 10º ANO

*Todos nós que passamos pelo isolamento social decorrente da covid-19 podemos, de alguma forma, ter sentido a desesperança. Alguns por terem perdido o emprego, outros por terem deixado de se relacionar com pessoas físicas. Observar a falta de ações do país no combate à doença, ver nossos planos para o ano se desfazendo, ter dificuldades com as atividades remotas e desentendimentos com as pessoas com as quais estamos agora tendo uma relação intensa pode ter sugado o ânimo de muita gente, o ânimo que, de forma tão bonita, representa a alma, o sopro de vida que alegra o homem perante a vida.*

*Mas não vejamos a desesperança como algo puramente ruim e prejudicial, como uma pedra em nosso caminho. Vejamos que, se Gregor não tivesse sofrido a metamorfose e sua família se desesperançado, talvez seus pais jamais tivessem acordado para a vida novamente e se fortificado como pessoas. Pensemos na desesperança como uma passagem, um processo, para que certas coisas possam ser melhor compreendidas e para que nós recuperemos o brilho e a força e nos meta-*

*morfoseemos de forma a sermos seres humanos mais íntegros e melhores.*

CAROLINA SANTOS, 12º ANO

---

*"A metamorfose" de Franz Kafka, desde o começo súbito até a última sílaba de tragédia, é um lembrete para todos nós de que estamos vivos, agora: sem explicação, sem mais. Esta obra é uma súplica para sairmos da inércia do conformismo, daquele trabalho que nos faz miseráveis; é um pedido para que haja mudança e que aqueles que ousam vivê-la sejam acolhidos e banhados de esperança. É um convite a escrever para nossas próprias vidas um final diferente - metamorfosear, já!*

MARIÁ RODRIGUES, 12º ANO

---

*Proposta de escrita de parágrafo sobre o dia dos finados, usando presente histórico, 9º ano, feita em novembro, 2020*

*ACORDA*
*Suas pálpebras pesam.*
*Abre levemente os olhos; está tudo escuro.*
*Ela dorme novamente.*
*Quando acorda de novo já está claro, a luz que adentra o quarto irrita seus olhos e fere sua retina; por isso, mantém os mesmos fechados. Ao longe, escuta o grito das irmãs, alguém falando ao telefone, e o som do vidro se quebrando.*
*De repente há alguém na sua porta dizendo para levantar. Um resmungo inteligível sai de sua garganta, algo como um "já vai". Seus membros parecem dormentes dormentes, e os cobertores estão tão quentinhos e acolhedores que ela não quer levantar.*
*É feriado, por que ela tem que acordar cedo? Bem, talvez nove horas não seja tão cedo, mesmo que seu corpo diga o contrário. Mas sendo cedo ou não, ela não quer levantar.*
*Finalmente resolve levantar. O movimento brusco faz suas vistas escurecerem, sua cabeça rodar e seus ouvidos apitarem. Mas de repente, não há mais nada.*
*Seu corpo ainda está dormente, e a luz machuca seus olhos, mas ela está de pé.*
*São nove e vinte.*
*É um passo.*

HELENA MARTINS, 9º ANO

---

# 12º, e o teatro?

Isabela Gemma, aluna

*Um relato pessoal sobre como foi elaborar um teatro Waldorf de 12º ano na pandemia*

A repentina notícia da pandemia em março de 2020 nos pegou de surpresa. O tempo passou com tragédias e novos costumes cibernéticos, algo frustrante e minimamente enigmático. Para além das tristezas, complicações políticas e ambientais, uma dor particular chegou à sala do 12º ano… adaptar-nos ao ensino a distância no último ano escolar, longe de nossos queridos professores(as) e colegas, e conviver com a incógnita: como faremos o teatro?

Entre março e abril o questionamento pairava em nossas tutorias e cada um tinha sentimentos diversos. Uns mais apegados, outros menos. Era frustrante, pois já havíamos escolhido a peça - "A Invasão", de Dias Gomes -, escalado elencos, tínhamos espaço para apresentar, e então veio o impedimento geral que bloqueou a oportunidade de fazer o teatro como imaginávamos.

Naquele momento tivemos algumas ideias sobre o que faríamos. Pensamos em antecipar o Trabalho de Conclusão de Curso na esperança de executar o teatro no final do ano e, conforme se confirmou que os tempos em casa iriam durar mais do que imaginávamos, buscamos alternativas de ainda fazer algo de forma remota, nem que fosse algo simbólico para fechar nosso ciclo na escola como grupo.

Encabeçamos então um projeto midiático com foco no tema da peça - ocupações -, adaptando parte das falas, músicas, imagens, reportagens e pesquisas a este respeito. O projeto teve mais vigor em maio, mas a decisão de remanejá-lo para outubro fez

IMAGEM: TAMARA SPIETH

o “teatro” adormecer. Na retomada do projeto, percebi em mim e em meus colegas um cansaço e um sentimento de apreensão sobre como as coisas iriam acontecer, se daria certo. Era ao mesmo tempo, entre receio e afirmação, um compromisso: faríamos dar certo.

Muitas reuniões e conversas pelas plataformas digitais alinharam o andamento do projeto, prazos e decisões. Dividimos grupos e tarefas: seleção de roteiro, sonoplastia, edição de imagens, pesquisas de reportagens e entrevistas, edição geral e divisão de personagens. Fomos exigidos como classe a se organizar, mesmo distantes uns dos outros, mantendo um ritmo consistente e produtivo para entregar o projeto com a qualidade que queríamos.

Nosso esforço contou com a ajuda dos(as) professores(as) Kátia e Lica nas Artes Plásticas, Lincon como Diretor-Geral e Teatral, Marquinhos na Música, Sonoplastia e Edição, Saulo com dicas teatrais, Helena, que gravou as guias musicais, e nossos tutores, Olga e Emerson, que nos acompanharam e observaram mais à margem. Tivemos também oficinas fundamentais com os professores André Rosa, André Toffoli e Vitor: nos inteiramos mais sobre as complexidades históricas, políticas, sociais e geográficas do Brasil em relação às ocupações. Ainda tivemos a colaboração dos(as) entrevistados(as) Jorge Edson Rosa da Silva, da advogada

e pesquisadora Suzana Maria Loureiro Silveira, indicada pelo Prof. Silvio Beltramelli Neto, da PUC Campinas, de Fernanda Bezerra e Tassiana Barretos, do Acampamento Marielle Vive!, de Valinhos SP, e de Manuel Dantas Vilar Suassuna. Seus depoimentos nos deram o tom da realidade e a força para mostrar esta temática e suas problemáticas.

Tivemos também momentos simbólicos importantes e emocionantes no decorrer do trabalho, como o reencontro com o "Seu Manu Suassuna", filho de Ariano, que nos deu um despertar de esperança sobre o tema e a nostalgia de relembrar nossa experiência de 8º ano com o "Auto da Compadecida" em 2016, quando o conhecemos.

Assim, as semanas traziam preocupações com as etapas seguintes e um bem-estar com as metas sendo cumpridas. Isso trazia a sensação boa de efetividade, resultado e segurança de que ao final este projeto, que veio em substituição a um teatro tradicional de 12º ano, teria o êxito almejado

e merecido. O resultado foi divulgado em 27 de novembro de 2020, às 20h, no canal do *YouTube* da escola!

Por fim, concluo que o nome da nossa peça, "A invasão", não foi à toa. Foram várias invasões neste ano. Um vírus invadiu todos os cantos e espaços do mundo, uma pandemia invadiu nossa habitual rotina e convenções, uma enxurrada de informações veio para ser processada e houve uma urgência pelo novo, pelo alternativo e seguro. Tudo invadiu nossa sala para que pudéssemos uma última vez conciliar o desafio e transpor nossos dons e talentos no mundo, produzindo um "teatro" num cenário improvável, feito um cacto a brotar numa terra árida. Contudo, a natureza surpreendeu positivamente.

*Busco o que quero.*

*Não sei se é medo,*

*ansiedade ou desespero,*

*compromisso e sustento.*

*Mas sua utilidade é fato:*

*morte dolorosa, violenta e invisível.*

*Eu quero que todos possam ter oportunidades.*

*Chuvoso, como uma esponja do mar,*

*tudo absorvo, para sem parar,*

*ajudar todavia onde me encontro,*

*me escondo, me engano.*

*Há dias que sinto a leveza da luz*

*e ouço o canto dos pássaros*
*alegrando o sol.*

*Não o possui o povo, que mora*
*na rua.*

*Da terra colho meus frutos, da*
*terra faço minha casa.*

*Lar doce lar.”*

POESIA COLETIVA
BONDE 12MPROVÁVEIS
12° ANO 2020

IMAGEM: TAMARA SPIETH

médio

# *Canto coral a distância*

## *Novos tempos e ritmos para a música*

**Marcus Vinicius, professor de música**

Mas veio a pandemia, e, por incrível que pareça, cantar em grupo tornou-se uma das coisas mais perigosas do mundo! Cantar coletivamente passou a ser "proibido". De repente, emissão de voz virou uma atividade perigosa demais para fazermos no encontro presencial. Por outro lado, o encontro virtual síncrono distorcia (e ainda distorce) o ritmo, o coração que une as vozes no mesmo pulsar, num tempo oscilante da velocidade dos dados de internet de cada pessoa, de cada situação…

Deparamo-nos, então, com um desafio inusitado: como fazer música coral, que vive do efêmero, da presença e do instante, à distância? Ficamos absolutamente atordoados, sem saber para onde correr, sem saber para quem gritar (porque isto também estava proibido).

Começamos, então, a observar pelo mundo como as pessoas estavam tentando manter a música distanciada ainda viva. E descobrimos tantas coisas lindas sendo feitas no universo musical cibernético… Não "coral" propriamente dito, mas "música cantada a várias vozes" sim, e ao mesmo tempo! Na verdade, dizemos "ao mesmo tempo", mas não é tão assim… Não mesmo. Corais, bandas, duos, novas parcerias, muitos sons puderam ser produzidos e chegaram em tantos ouvidos (ou fones de ouvido). Mas como isto estava sendo feito à distância era um grande truque tecnológico.

Este tempo nos trouxe a assincronicidade como novo elemento e agora precisaríamos estar sozinhos, autônomos, professores, alunos e alunas, em muitas etapas, para este novo formato. Cada um gravaria a própria voz, cantando, sozinho, sem saber como poderia soar-se somando-se a outras vozes também gravadas, também sozinhas. Mas no final, alguma "mágica" aconteceria

para que tudo isso parecesse ocorrer ao mesmo tempo, soando junto.

Descobrir quais são os truques das mágicas às vezes requer sentidos muito atentos e treinados. Requer habilidade, pesquisa e bastante conhecimento. E para nós seria preciso a mágica da técnica da música. Proparoxítonas complementares, que nenhum de nós dominava. Então corremos atrás de cursos, equipamentos e tecnologia para aprender a fazer processamento de áudio, edição, mixagem, masterização etc. Novas palavras em ação. E assim, passo a passo, fomos conseguindo desenvolver algo que pudesse substituir, nesse momento, a prática do canto coral em nossa escola. É claro que se trata de um processo totalmente diferente, pois tudo aquilo que é o alimento da música coral - a sincronia, o coletivismo, a timbragem, a dinâmica, a técnica de canto, o ouvir e respirar o outro, e tantas outras coisas - tudo isso passou a ser uma tarefa de apenas indivíduos solitários com seus processadores de áudio.

Mas foi assim que conseguimos manter vivo o cantar em nossa escola, sendo possível produzir com os alunos e alunas um resultado coletivo, regido por áudios-guias, metrônomos e *softwares* de edição. E, principalmente, através da coragem e autonomia destes jovens nas suas gravações, nas suas vozes, em seus próprios celulares.

Agora, podemos apreciar esta mágica, abrir o canal do *Youtube* oficial da escola e ouvir tantas vozes, tantos cantos, tanta música em equilíbrio. E outras que ainda estão em processo e chegarão a toda nossa comunidade. Na mesma lógica assíncrona que a tecnologia nos permite: onde, quando e como quisermos ouvir.

ALUNOS DO ENSINO MÉDIO, NO VÍDEO DA MÚSICA “CASULO” - YOUTUBE VEREDAS

comunidade

# Fraternidade

## Leonardo Andrade, diretor associativo

Se alguns meses atrás alguém lhe contasse sobre uma comunidade escolar em que a mensalidade era vista como uma contribuição mensal e cada um pagava aquilo que podia. Famílias com mais condições financeiras contribuíam com mais e as com mais necessidades, davam menos… O que você diria? Antes de tirar suas conclusões, deixe te contar uma história.

Essa é a história de um lugar onde as crianças e jovens são educadas para serem seres humanos livres, autônomos, conscientes de seu papel no mundo, do lugar do outro, aprendendo tendo a arte e a ciência de mãos dadas. Nesse lugar há famílias com boas condições financeiras, outras com menos; há famílias de agricultores da região do entorno, famílias da periferia; famílias indígenas, brancas, negras, uma diversidade em comunhão.

Nessa relação diversa, o fluxo financeiro é pautado sobre algo muito significativo: FRATERNIDADE. Essa palavra é aplicada nessa comunidade escolar de maneira muito viva e consciente: cada um olha para as suas necessidades, para as necessidades do outro; todos conhecem e acolhem essas necessidades e contribuem, mensalmente, com o valor que lhe é possível.

Essa história é de uma escola que ainda não aconteceu, mas que está no devir. Está por vir, formada no pensamento e na imaginação, mas que já começou a encarnar. Essa pode ser a história da nossa escola e é o que motivou a criação e o acontecimento das RODAS FRATERNAS. E para tudo isso se tornar realidade é preciso viver a fraternidade não como uma palavra desgastada e piegas, mas como uma forma de vida, de se relacionar com o outro e com a comunidade.

VETOR: FREEPIK.COM

Assim, neste difícil ano de 2020, demos juntos um passo importante para a criação da escola que queremos. Houve momentos difíceis, desconfiança, uns olharam meio torto, outros não acreditaram. O que é normal e necessário, pois precisamos nos questionar a cada passo. Mas também houve conquistas incríveis, financeiras, pessoais, emocionais e espirituais. Houve momentos lindos, lágrimas, risadas. Tudo foi palavra para escrevermos as primeiras partes de uma história. Nesse primeiro capítulo, vimos concretamente que todas as necessidades foram acolhidas e que é possível sim criar um processo econômico social fraterno e empático, não competitivo, consciente e diverso.

### *Balanço das Rodas Fraternas 2020*

No contexto da pandemia por Covid-19, as Rodas Fraternas surgiram a partir da convicção de que "nenhuma família deve sair da escola por motivos financeiros". Nesse processo, foram realizadas duas rodadas (cada uma tem validade de três meses), cujos resultados são apresentados abaixo. No entanto, mais do que os valores arrecadados, as dinâmicas vivenciadas na nossa comunidade proporcionaram aproximação, ajuda mútua e a oportunidade para que uma economia mais fraterna se torne uma realidade mais próxima.

| *Rodada* | *Necessidade (para 3 meses)* | *Arrecadação (para 3 meses)* | *Saldo* |
|---|---|---|---|
| *Primeira* | *73.405,38* | *80.278,00* | *6.872,62* |
| *Segunda** | *27.422,23* | *22.717,67* | *-4.704,56* |
| *Total* | *100.827,51* | *102.995,67* | *2.168,06* |

** valores previstos, pois o fluxo financeiro efetivo só terminará em janeiro de 2021*

Escola
Associativa
Waldorf
Veredas

@escolaveredas

@escolaveredas

*Escola Waldorf Veredas*

*www.escolaveredas.com.br*